



DIÁRIO OFICIAL

EM PARCERIA COM A SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

www.dio.es.gov.br

Caderno

Ano I - nº 6

Vitória-ES

Outubro de 2011

Bimestral



REVISTA DE CULTURA DO DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



A falta que Amylton faz

Páginas 4, 5, 6 e 7

Nesta edição: Francisco Edilberto Rubinho Gomes Glecy Coutinho Filipe Alves Borba Aissa Afonso Guimarães Moisés Nascimento Jordan Fernandes Paulo Bonino

USE E ABUSE

Este é um novo espaço, que se pretende permanente, onde o **Caderno D** oferecerá aos leitores opções e oportunidades para um mergulho mais amplo no universo cultural. Na coluna de hoje, mais de duzentas obras da literatura nacional e mundial são oferecidas aos leitores pelo Portal Domínio Público. O que significa que a leitura e o uso estão livres de quaisquer custos. Anote o endereço: <http://www.dominiopublico.gov.br>. Bom proveito.

ALGUMAS SUGESTÕES

A Divina Comédia -Dante Alighieri

A Comédia dos Erros -William Shakespeare

Poemas de Fernando Pessoa -Fernando Pessoa

Dom Casmurro -Machado de Assis

Cancioneiro -Fernando Pessoa

Romeu e Julieta -William Shakespeare

A Cartomante -Machado de Assis

Mensagem -Fernando Pessoa

A Carteira -Machado de Assis

A Megera Domada -William Shakespeare

A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca -William Shakespeare

Sonho de Uma Noite de Verão -William Shakespeare

Do Livro do Desassossego -Fernando Pessoa

Poesias Inéditas -Fernando Pessoa

Tudo Bem Quando Termina Bem -William Shakespeare

A Carta -Pero Vaz de Caminha

A Igreja do Diabo -Machado de Assis

Macbeth -William Shakespeare

Este mundo da injustiça globalizada -José Saramago

A Tempestade -William Shakespeare

O pastor amoroso -Fernando Pessoa

A Cidade e as Serras -José Maria Eça de Queirós

Livro do Desassossego -Fernando Pessoa

A Carta de Pero Vaz de Caminha -Pero Vaz de Caminha

O Guardador de Rebanhos -Fernando Pessoa

O Mercador de Veneza -William Shakespeare

A Esfinge sem Segredo -Oscar Wilde

Trabalhos de Amor Perdidos -William Shakespeare

Arte Poética -Aristóteles

Conto de Inverno -William Shakespeare

Otelo, O Mouro de Veneza -William Shakespeare

Antônio e Cleópatra -William Shakespeare

Os Lusíadas -Luís Vaz de Camões

A Metamorfose -Franz Kafka

A Cartomante -Machado de Assis

Rei Lear -William Shakespeare

A Causa Secreta -Machado de Assis

Poemas Traduzidos -Fernando Pessoa

Muito Barulho Por Nada -William Shakespeare

Júlio César -William Shakespeare

Auto da Barca do Inferno -Gil Vicente

Poemas de Álvaro de Campos -Fernando Pessoa

Cancioneiro -Fernando Pessoa

Catálogo de Autores Brasileiros com a Obra em Domínio Público -Fundação Biblioteca Nacional

A Ela -Machado de Assis

O Banqueiro Anarquista -Fernando Pessoa

Poemas de Álvaro de Campos -Fernando Pessoa

Adão e Eva -Machado de Assis

A Moreninha -Joaquim Manuel de Macedo

A Chinela Turca -Machado de Assis

As Alegres Senhoras de Windsor -William Shakespeare

Poemas Seleccionados -Florbela Espanca

As Vítimas-Algozes -Joaquim Manuel de Macedo

Iracema -José de Alencar

A Mão e a Luva -Machado de Assis

Ricardo III -William Shakespeare

O Alienista -Machado de Assis

Poemas Inconjuntos -Fernando Pessoa

A Volta ao Mundo em 80 Dias -Júlio Verne

A Carteira -Machado de Assis

Primeiro Fausto -Fernando Pessoa

Senhora -José de Alencar

A Escrava Isaura -Bernardo Guimarães

Memórias Póstumas de Brás Cubas -Machado de Assis

A Mensageira das Violetas -Florbela Espanca

Sonetos -Luís Vaz de Camões

Eu e Outras Poesias -Augusto dos Anjos

Fausto -Johann Wolfgang von Goethe

Iracema -José de Alencar

Poemas de Ricardo Reis -Fernando Pessoa

Os Maias -José Maria Eça de Queirós

O Guarani -José de Alencar

A Mulher de Preto -Machado de Assis

A Desobediência Civil -Henry David Thoreau

A Alma Encantadora das Ruas -João do Rio

A Pianista -Machado de Assis

Poemas em Inglês -Fernando Pessoa

A Igreja do Diabo -Machado de Assis

A Herança -Machado de Assis

A chave -Machado de Assis

Eu -Augusto dos Anjos

As Primaveras -Casimiro de Abreu

A Desejada das Gentes -Machado de Assis

Poemas de Ricardo Reis -Fernando Pessoa

Quincas Borba -Machado de Assis

A Segunda Vida -Machado de Assis

Os Sertões -Euclides da Cunha

Poemas de Álvaro de Campos -Fernando Pessoa



GOVERNO DO ESTADO

JOSÉ RENATO CASAGRANDE

Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA

Vice-Governador

JOSÉ EDUARDO FARIA DE AZEVEDO

Secretário de Gestão e Recursos Humanos

Conselho Editorial:

Erlon José Paschoal/Erly Vieira Jr./Marcos Alencar/Reinaldo Santos Neves/Sérgio Blank

DIO

ADEMIR RODRIGUES

Diretor Presidente

MIRIAN SCARDUA

Diretor Administrativo-Financeiro

MARCOS JOSÉ DE AGUIAR ALENCAR

Diretor de Produção e Comercialização

SECULT

JOSÉ PAULO VIÇOSI

Secretário de Estado da Cultura

ERLON JOSÉ PASCHOAL

Subsecretário de Estado da Cultura

JOELMA CONSUELO FONSECA E SILVA

Subsecretária de Patrimônio Cultural

MAURÍCIO SILVA

Gerente de Ação Cultural

Direção Geral

Marcos Alencar

Jornalista responsável

Joelson Fernandes (ES 00418 JP)

Diretor de Conteúdo

Erlon José Paschoal

Projeto Gráfico

Ivan Alves (MTb-ES 28/80)

Capa

Ilvan Filho

Este Caderno pode ser acessado nos sites www.dio.es.gov.br e www.secult.es.gov.br



PONTO DE VISTA

Francisco Edilberto

<http://franciscoedilberto.blogspot.com>

Que papel, afinal, caberia ao Estado na complexa dinâmica

brasileira cultural

No decurso da história verificamos que a partir do século XVIII a cultura passou a percorrer dois caminhos: o da cultura como história, concebida pela relação dos homens com o tempo e com o espaço, com outros homens e com a natureza, engendrando a idéia de progresso e a cultura como civilização, aprimoramento e aperfeiçoamento da humanidade. Ambas têm se mostrado igualmente importantes na formação e identificação da cultura de nosso povo.

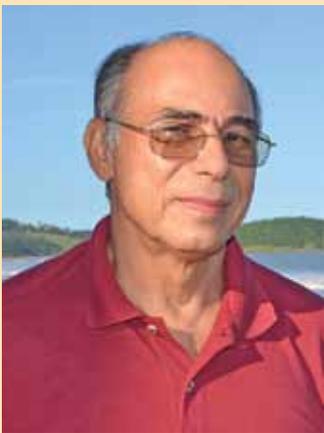
Quando o Ministério da Cultura incluiu as dimensões simbólica, cidadã e econômica na perspectiva ampliada da Cultura, estabeleceu características distintas, porém interligadas, ao conjunto de indivíduos que constituem a nossa sociedade. Assim é que a simbólica está mais vinculada a valores que dão identidade a cada grupo ou cada povo, daqui em diante entendido com as diversas etnias do nosso país. Ela diz respeito a tudo aquilo que está intimamente ligado ao seu comportamento, como as crenças e religiões, por exemplo. A cidadã diz respeito aos deveres e haveres dos indivíduos, principalmente seus direitos, que são tidos, em princípio, para todos que compõem esta nação e que os tornam iguais. A econômica se relaciona com a regulamentação da economia que permeia os valores de um grupo ou de um povo, de modo a evitar a degradação ou mesmo a destruição do meio ambiente e dos elementos simbólicos, ambos de grande importância na sua sustentabilidade e identidade.

Aqui, então, é introduzido o conceito de Política Pública de Cultura. Sabe-se que, embora a partir do século XVIII a Política Cultural tenha se tornado pública, somente com a chegada da Revolução Francesa ela tornou-se efetivamente assunto de Governo. A Política, em si, é um conceito muito abrangente que envolve o poder como um todo, enquanto a Política Pública se ocupa de soluções específicas aos assuntos públicos.

As Políticas Públicas também são perceptíveis e ou codificadas por meio de um conjunto de leis, decretos e outros documentos que regulam a ação de estado. Diante de tudo isso é possível concluir que Política Pública Cultural tem uma importância fundamental no desenvolvimento de um país e é por isso mesmo, encarada como um conjunto de ações culturais contínuas ao longo do tempo, em todos os segmentos sociais, sem que deva sofrer solução de continuidade. Além de transmitir conhecimentos e desenvolver a sensibilidade das pessoas, ela tenta melhorar as condições sociais incentivando a criatividade coletiva.

Considerando os pontos até aqui abordados constatamos que o cidadão tem sua parcela de contribuição no desenvolvimento cultural do Brasil quando ele vivencia sua comunidade, elabora seus produtos, divulga-os, difunde-os, participa de eventos de sua comunidade e de outras, se faz presente em reuniões de entidades representativas das comunidades e de governo, levando suas contribuições e reivindicações e procurando sempre estar ligado às diversas atividades afins.

Todavia, ainda que muita estrada tenhamos para percorrer, o papel que, afinal, caberia ao Estado na complexa dinâmica cultural brasileira, no meu entendimento, é o que vem sendo feito pelo Governo, através do Ministério da Cultura, criando o SNC, o PNC, o Funcultura, estimulando a que todos os Estados e municípios tenham suas Secretarias de Cultura, seus Conselhos de Cultura, seus Fundos de Cultura, debatendo democraticamente nas Conferências Municipais, Estaduais e Nacionais de cultura e em Seminários os assuntos relacionados aos eixos estratégicos, quais sejam: Produção simbólica e diversidade cultural; Cultura, cidade e cidadania; Cultura e desenvolvimento sustentável; Cultura e economia criativa e Gestão e institucionalidade da cultura, abrangendo todos os segmentos culturais. ■



Francisco é Pós-graduado em Artes Visuais, Mestre em Engenharia, Membro Dio CEC e Gestor Cultural

CAPA

16 anos

Amylton de Almeida

- A falta de

Desde 11 de outubro de 1995, quando Amylton Dias de Almeida nos deixou, um enorme vazio permanece na cultura do Espírito Santo. Escritor, jornalista, dramaturgo, roteirista e diretor de cinema e vídeos, Amylton exercitou ao longo de três décadas – 1965/1995 – uma vida de militância diária, com sua competência inatacável, seu texto claro e conciso, prática que se tornou cada vez mais escassa em nossa vida cultural: a crítica séria, ferina, satírica, às vezes irônica e mordaz, mas sempre exibindo sua inteligência alimentada pela leitura de todos os clássicos da literatura mundial, pelos milhares de filmes e vídeos que assistiu, além dos sons que povoaram seu universo e marcaram sua personalidade.

A jornalista Jeanne Bilich sintetiza sua personalidade e a falta que ele faz ao Espírito Santo e à nossa vida cultural:

“Amylton tinha um conhecimento enciclopédico enorme. Sua morte deixou uma lacuna enorme no jornalismo cultural capixaba. Ele era a alma do Caderno 2 de A Gazeta. Com a morte dele, morreu o jornalismo cultural. Ele era demolidor nas críticas, e, como era respeitado e reconhecido, sua crítica podia construir ou demolir. Nunca foi bonzinho, às vezes era generoso, mas também cruel, por vezes. Não fazia a linha de ser conivente com a panelinha cultural do Estado e jamais foi conivente com falsos talentos. Com a credibilidade de suas críticas, ele movia a cidade. Se ele elogiava

um filme ou uma peça, o cinema ou o teatro ficavam lotados, mas se fosse ruim, acabava com o espetáculo.”

Jeanne considera Amylton um gênio do jornalismo cultural capixaba e um dos expoentes da geração da década de 60, como declarou em entrevista a Felícia Borges publicada no site seculodiario.com em 2005, quando completou 10 anos de sua morte, e ocorreram em Vitória leituras dramáticas de peças e livros dele, além da reexibição de seu longa-metragem *O Amor Está no Ar*, com Eliane Gardini e Marcos Palmeira nos principais papéis. Comercialmente, o filme só estreou nos cinemas dois anos depois de sua morte, graças à produtora Luciana Velozo Santos.

“Houve um empobrecimento da crítica com a pressão da indústria cultural, que produz lixo comercial. Na cultura, o capitalismo privilegia quantidade e não qualidade. A indústria cultural só vai promover produtos para serem vendidos pelo capitalismo. Ao longo dos anos, o jornalismo cultural perdeu leitores, pois não tem mais referência do que é bom e do que é ruim”, disse Jeanne na ocasião.

Discernimento sempre foi qualidade essencial na vida de qualquer jornalista, escritor, dramaturgo ou cineasta. E ele sempre esteve presente nos textos deste autodidata que nunca frequentou faculdade, mas aprendeu tudo na marra na escola da vida. No jornalismo, escreveu em *O Diário*, *A Tribuna* e *A Gazeta*. Produziu oito documentários sobre o Espírito San-



Edson Chagas

Rubinho é jornalista

Rubinho Gomes
rubinhogom@gmail.com

os sem

de Almeida

que ele faz

to e ganhou prêmios nacionais em dois deles, ambos produzidos na TV Gazeta: “Os Pomeranos” ganhou o 1º Festival de Verão da Rede Globo em 1977, e em 1980, “O Último Quilombo” venceu a terceira edição da mesma disputa entre produções das afiliadas da Globo.

A temática social sempre esteve presente em seu trabalho: o documentário “São Sebastião dos Boêmios”, também exibido na TV Gazeta, mostrou os efeitos da transferência dos prostíbulos do Centro de Vitória para uma zona boêmia criada pelo então secretário de Segurança José Dias Lopes em um bairro do município da Serra que na época foi batizado como São Sebastião de Carapebus, mas era conhecido como ‘Carapeba’; já “Lugar de Toda Pobreza” tornou-se seu documentário mais conhecido mostrando como o antigo “lixão” de Vitória se transformou no que hoje se tornou a Grande São Pedro, no lado oeste da ilha.

Na literatura, sua obra carece de uma reedição completa, assim como outros membros de sua geração literária (Fernando Tatagiba, Carlos Chenier, Olival Matos Peçanha e Xerxes Gusmão Neto, cada um com sua trajetória). No teatro, da satírica “Tem Xiririca na Bixanxa” (com Milson Henriques e Marcos Alencar) até “A Noite das Longas Facas”, dirigida por Claudino de Jesus, um libelo contra os regimes totalitários, é preciso remontar e repassar suas mensagens. Antes que tudo caia no esquecimento. 

Paulo Torre e as antenas da raça

O jornalista, cineasta e diretor de teatro Paulo Torre morreu cinco dias depois de Amylton de Almeida, no mesmo outubro de 1995. Seu último artigo foi publicado em A Gazeta no dia seguinte ao da morte do amigo e intitulado “Antenas da Raça”. Editor-chefe do jornal desde 1986, Paulo recorda que os melhores talentos se transformam nas “antenas” dos cidadãos.

Amylton estreou na imprensa capixaba no Caderno T, que Plínio Marchini criou em A Tribuna, que foi editado pelo lendário jornalista Claudio Bueno Rocha, o CBR, que foi um dos mestres da revolução da imprensa capixaba nos anos 60/70. Amylton logo inovou mostrando-se antenado com a inovação e a revolução cultural que ocorria no mundo em 1968: a coluna era sobre LITERATURA, dizia o foguete, mas o título era JANIS JOPLIN.

Parecia erro tipográfico, tão comuns nos jornais daquela época, mas desta vez não era. Era Amylton de Almeida estreando na crítica literária, tecendo loas ao maravilhoso disco Cheap Thrills, de Janis com a banda Big Brother & the Holding Company. Além de jornalistas talentosos, Amylton de Almeida e Paulo Torre sempre foram sinônimo de ousadia, e pioneiros do cinema capixaba. Enquanto Paulo mostrou em seu filme “Kaput”, de 1968, a repressão da ditadura militar, Amylton foi premiado na mesma época por uma adaptação para o cinema de um de seus contos -- “A Veia Partida” -- filme dirigido por Toninho Neves. Quando morreu em outubro de 1995, Amylton estava justamente finalizando o primeiro longa-metragem inteiramente capixaba.

CAPA

Velhos tempos



Glecy é jornalista e contadora de histórias

Eu conheci Amylton de Almeida no verão de 66 - no Britz é claro - em companhia de Carmélia que eu conhecera num baile de carnaval em Guarapari, 10 anos antes, em 1956. Tínhamos amigas em comum (Gilian e Gilceia, filhas de Seu Gentil Mascarenhas da tipografia Gentil). Me lembro que o som da orquestra era infernal e um grupo de mineiros fantasiados não sei se tirolês ou escocês, (aqueles da peninha no chapéu) insistiam em acompanhar a marchinha cantando “somos todas prostitutas, todas umas putas e queremos dar ... lara, lara, lara, lará”. Carmélia nos abraçou pelo pescoço dizendo a ple-nos pulmões “ é melhor ser prostituta, do que lará, lará! Vamos pular”. Assim nos conhecemos.

Félia já era famosa, já era cronista do jornal “7 dias” e já arrastava asa pra Zé Costa.

Em 66, eu já trabalhava na Gazeta e Carmélia e sua corja, no Diário. Nos encontrávamos nos points da época; bailes da Fafi, festivais de música, shows, Britz Bar e em 70, no Sheik-beer, o barzinho de uns gaúchos na Rua do Rosário, atrás do Teatro Carlos Gomes, recém inaugurado.

Em setembro de 69, com a inauguração do prédio novo da Gazeta na General Osório, houve uma migração do Diário para lá. Cláudio Bueno Rocha foi contratado como editor chefe e, como o Donald, levou consigo os sobrinhos Luizinho, Aprigio e

Amylton. A redação da Gazeta era no primeiro andar. No segundo ficava o Caderno 2 e a Gazetinha. Foi aí que se estreitou nossa amizade. Era um tranzetê para cá e para lá. Passamos a sair sempre juntos. Quando fui transferida para o Caderno 2 então, passamos a dividir o apartamento por uns seis ou sete anos.

Amylton tinha um temperamento difícil, mas nos dávamos muito bem, pois gostávamos muito de cinema e éramos bem humorados. Quando algum jornalista novo era contratado para o Caderno 2, ele logo colocava o suplemento sobre o ombro da pessoa e dizia “ daqui pra frente você vai carregar o Caderno 2 nas costas”.

Chegava sempre cedo, cheio de livros e jornais, fumando um cigarro atrás do outro, batendo a porta e dizendo: - Vão trabalhar parasitas!

Certa vez ele emprestou quinhentos cruzeiros à Erildo do Anjos que era nosso editor. Quando Erildo foi pagar , ele disse: - Agora, que eu já espalhei para todo mundo que você me deve!

Nessa época, volta e meia íamos ao Rio ver filmes, peças de teatro, shows. Quando voltava ele infernava a vida de Edgarzinho Rocha e Marcelo Abaurre para trazer os filmes que havia gostado.

Numa dessas viagens ficamos em Copacabana com Demócrito e Alaíde. Vimos a 2ª parte de “1900” de Bertolucci, “Lágrimas Amargas de Petra Von Kantt”, de Fassbinder,

Glecy Coutinho

glecy.coutinho@hotmail.com

Os. *Belos* dias

com Fernanda Montenegro e um show de Ney Matogrosso. Lembro até que havia um meio feriado na 2ª feira, mas a Gazeta trabalhava. Amylton decidiu que ficaríamos no Rio para assistir o filme de John Travolta (Grease -Nos Tempos da Brilhantina). Fomos na 1ª sessão e, de lá, para o aeroporto. Chegamos cedo, os primeiros da fila. Eu, Amylton e Demócrito, quando de repente “tchan, tchan, tchan, tchan”, chega a TV Globo, gravando. Amylton entortou a boca, como só ele sabia fazer e disse: - imagina Cariê, sentado na sala dele vendo na globo a gente enforcando a segunda - feira!

Na terça, cedo, estávamos no elevador da Gazeta, quando a porta do elevador fechou e abriu e adentra Cariê, com a calma que lhe é peculiar, e diz (olhando o ventilador do teto):

- Só no meu jornal, dois jornalistas assistem Sessão da Tarde, no Rio de Janeiro, em horário de trabalho, em plena segunda-feira ! - Vocês explicam isso?

Amylton, com a mesma calma do patrão, não se fez de rogado. Retirou 3 laudas datilografadas de dentro de um livro dizendo:

- Se é por causa da crítica! Tá aqui.

Amylton tinha uma grande capacidade de trabalho e quando botava uma idéia na cabeça não pensava em outra coisa. Tomava banho e enrolado na toalha colocava Carmina Burana na eletrola (a toda altura), pegava a

máquina de escrever e virava a noite na base do cigarro e café. Só era interrompido, de vez em quando, por algum vizinho irado ao telefone que ele atendia dizendo:

- INPS, bom dia! E colocava o fone sobre a mesa e ao longe eu, Luiz e Glaucimar, assistindo a “ sessão coruja” na tv escutávamos os palavrões da vizinhança.

Logo que surgiu o vídeo, ele trouxe um de Nova York, na viagem que fez como prêmio da Rede Globo pelo filme “Os Pomeranos”. Aí, “Paris é uma Festa”, virávamos fins de semanas vendo filmes. Eu, ele, Vânia e Alípio, Alex e Fabíola (sobrinhas dele) e quem mais chegasse.

Nos primórdios de “Lugar de Toda a Pobreza” - quando na Gazeta só o Bira sabia da história - saíamos no meu fusquinha (que Amylton chamava de malhadinho porque eu fazia a lanternagem do carro e não pintava) e íamos eu e ele na frente, Lúcio e Oliveira, com o equipamento que na época era muito grande no banco de trás. Andávamos em todo aquele mangue. O cheiro entranhava em nossas narinas e era difícil de sair. As moscas amontovam-se nas cercas dos quintais parecendo enxame de abelhas. Quando a fome apertava eu ia nos botecos da Serafim Derenzi (que tinha mais terra que asfalto) e comprava macarrão, lingüiça, tomate, óleo e cebola prá fazer macarronada na bacia de banho dos moradores.

Comíamos como se fosse a “Festa de Babete” e nem sentíamos o cheiro horrível de lixo.

Nas noites da entrega do “Oscar”, que ele considerava uma festa caipira, Amylton produzia uma festa junina. Tinha cocada, canjica, broa de milho, quentão e a casa cheia de visitas até acabar a festa...

Certa vez, íamos no “malhadinho” para uma festa à noite, em Vila Velha “ O Gala Gay”. Eu e Amylton no banco da frente e atrás umas 4 bichinhas, amigas nossas, que iam se apresentar na tal festa. Estávamos ali, nas imediações da Pepsi (ainda não havia a Segunda Ponte) e eu reclamava da avenida cheia de buracos, quando Amylton, falou:

- “Que esquisito, eu vi um pneu rodando passar por aqui”.

Aí, eu gritei:

- Meu Deus, é o pneu do carro!

Rimos muito, ficamos na estrada até conseguirmos uma carona para a festa. O carro ficou lá, no acostamento da rodovia Carlos Linderberg. Intacto, até no outro dia.

Naquela época, Vitória era mesmo uma delícia. A gente estacionava em qualquer lugar, duas mulheres podiam andar sozinhas a noite pela rua, voltávamos a pé prá casa, de porre, sem ser molestadas e, se perdêssemos os documentos, eles devolviam na “Ronda da Cidade”... éramos todos jovens e belos. A gente era feliz e sabia. 

AUDIOVISUAL

Audiovisual de *jov*



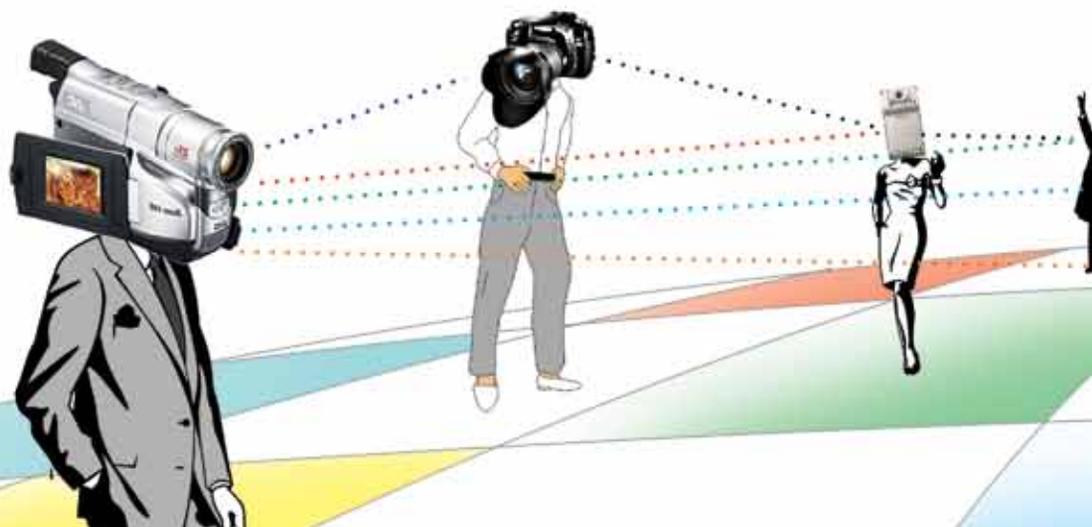
Filipe é artista plástico e membro da equipe Yah! TV do programa Rede Cultura Jovem

Estamos em tempos de muitas produções. Hoje, a facilidade de acesso aos meios de produção audiovisual faz com que a rede mundial de computadores fique cada vez mais lotada de vídeos. Do celular às câmeras mais modernas passando pelas compactas, o audiovisual vive um momento de grandes possibilidades.

Há os que captam, mas nem editam seus vídeos e já colocam na internet. Há os que aproveitam os novos programas de edição e viajam em montagens complexas e cheias de recursos. Há os que captam em celular. Há os que captam em modernas câmeras. Há, ainda, os que nem captam, mas se apropriam de conteúdos livres na internet para “mixarem” e produzirem algo novo.

Engajados nesse momento de novas possibilidades estão os jovens. Antenados nas novas tecnologias, os jovens de hoje têm acesso fácil aos novos e diversos equipamentos de captação e edição e também às inúmeras produções já realizadas e disponibilizadas na internet. O resultado disso tudo é que nunca se viu tanta produção audiovisual. E de maneiras tão distintas e experimentais.

Produções através de incentivos governamentais, independentes, comerciais, coletivas, individuais, autônomas, corporativas, de baixo ou alto orçamento. O importante é produzir! E o mais legal: as experimentações estão em alta! Tanto na forma de produção como na distribuição ainda há muito a se ex-



Filipe Alves Borba

webtv@redeculturajovem.com.br

vem para jovem

perimentar. Grandes orçamentos não garantem produções de sucesso, mas o contrário pode acontecer: baixos orçamentos podem gerar vídeos de sucesso. Isso se deve, em grande parte, à facilidade de circulação dos vídeos pela internet.

Pensando nessas novas tecnologias, possibilidades e experimentações o Programa Rede Cultura Jovem (PRCJ) concebeu o Yah! TV. Trata-se de um canal de web TV com foco na produção audiovisual jovem do Espírito Santo. Baseado na produção colaborativa e na interatividade, o canal, além de possuir conteúdo produzido pelo próprio PRCJ, também possuirá conteúdos produzidos pela rede. Parte desse conteúdo irá para a TV aberta sob a forma do

programa televisivo Yah! TV que será veiculado na TVE.

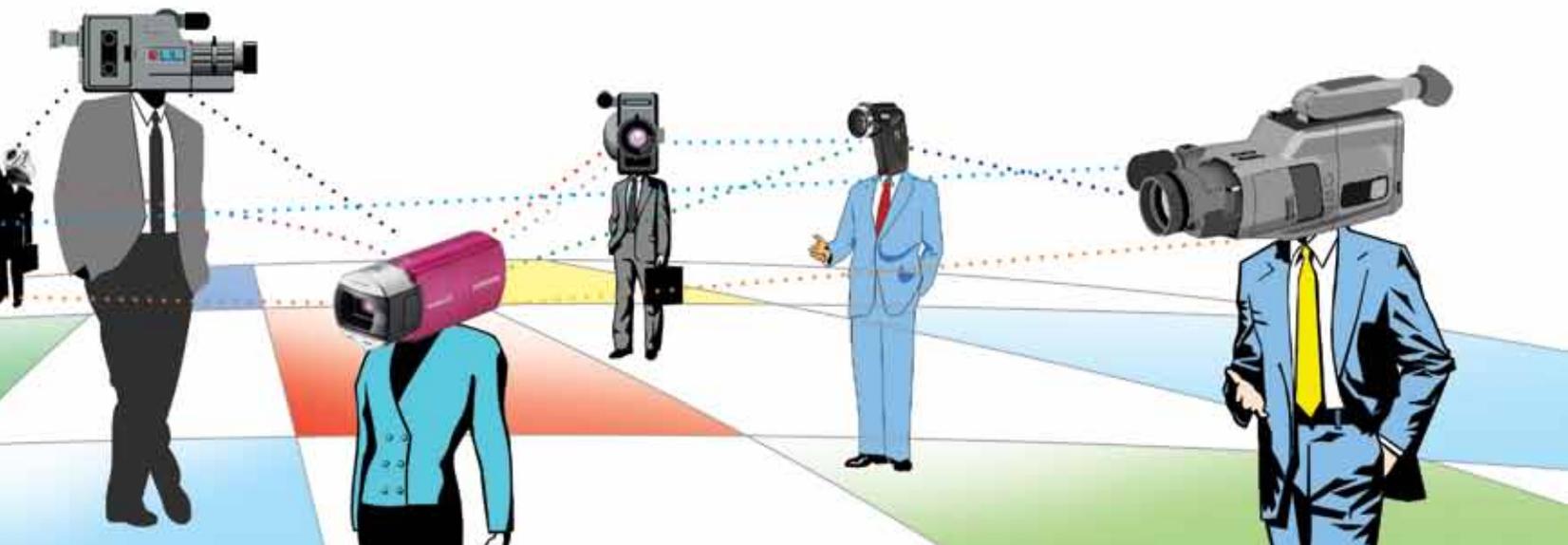
Como resultado dos Editais Rede Cultura Jovem 2011, cinco web séries produzidas por jovens capixabas também serão destaques do Yah! TV. Cada uma das séries terá três episódios e os primeiros deles já estão disponíveis na internet. Essas produções estão em pleno andamento e já pelos primeiros resultados é possível notar os diferentes olhares desses jovens realizadores.

Além das web séries o PRCJ também apóia algumas produções audiovisuais de outros projetos contemplados pelos Editais Rede Cultura Jovem 2011 e garante espaço para vídeos de jovens que buscam ampliar a divulgação de seus trabalhos. Todas essas produções

também poderão ser acessadas pelo Yah! TV.

O audiovisual é uma importante ferramenta para o registro de ações artístico-culturais, por isso a cobertura colaborativa de eventos e as transmissões ao vivo serão ainda mais incentivadas e potencializadas com o canal de web TV.

A descentralização dos conteúdos midiáticos e o consequente empoderamento dos jovens são importantes avanços possibilitados pela ampliação do acesso às novas tecnologias. Utilizando-se das ferramentas que têm em mãos, os jovens produzem, produzem, produzem... e na outra ponta assistindo, interagindo e colaborando com essas produções estão outros jovens. É de jovem para jovem! 



ENSAIO

Identidade *diversa* no Espírito



Aissa é Prof^a Dr^a do Programa de Pós-Graduação em Artes – UFES, pesquisadora na área de Artes e Patrimônio Imaterial.

Escrever para esta publicação sobre cultura me conduziu a uma antiga temática nacional: a diversidade cultural com suas múltiplas identidades e a contínua elaboração de uma identidade nacional/regional. No caso do Estado do Espírito Santo, este tema se presentifica em caráter de urgência na afirmação de uma identidade regional “capixaba”, pleiteada em distintas instâncias, seja no discurso político, na imprensa ou na voz de muitos cidadãos.

O Espírito Santo vive, na atualidade, um processo de crescimento acelerado, de destaque no panorama nacional, em função de grandes investimentos econômicos, que geram novas conjunturas políticas e sociais. Essas novas formas de organização do capitalismo, por meio do capital transnacional reque-

rem profundas e irremediáveis transformações na sociedade, que atingem velozmente a paisagem, a cultura e a memória dos lugares.

Neste contexto histórico, em face do apagamento da paisagem cultural, da frequente perda do patrimônio material/edificado e da ameaça aos modos de vida vigentes, se instaura a problematização da identidade no Estado. Questão paradoxal, pois ao mesmo tempo em que o Espírito Santo reclama uma identidade capixaba, ele abriga outra diversidade de identidades culturais locais, patrimônios de memórias ancestrais, como a comunidade dos pomeranos em Santa Maria de Jetibá; dos quilombolas do Sapê do Norte, em São Mateus; dos guaranis de Nova Almeida, entre outras.

Aissa Afonso Guimarães

aissaguimas@yahoo.com.br

idade e sidade

ito Santo



No entanto, sabemos que cada uma dessas culturas se identifica no reconhecimento da sua comunidade específica, através da memória das tradições e das práticas vivenciadas, pois têm seu modo de realização num saber próprio, que guarda a memória coletiva da ancestralidade e a vivência da temporalidade dos ritos, nas relações de pertencimento aos grupos.

Modos de vida tão distintos, que não se reconheceriam através de uma identidade regional sem a intervenção do universo da política, pois é neste âmbito que se estabelecem as relações simbólicas de caráter público.

Atualmente várias ações políticas e instrumentos institucionais são usados no sentido de resgatar e preservar a memória das tradições populares;

através do registro e salvaguarda do patrimônio imaterial, algumas tradições foram registradas como Bens Culturais de Natureza Imaterial pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). O Ofício das Paneleiras de Goiabeiras, em Vitória, foi o primeiro bem cultural a ser registrado como Patrimônio Imaterial, no Livro dos Saberes em 2002; e o Jongo do Sudeste, que também presente no Estado, foi registrado no Livro das Formas de Expressão, em 2005. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que o Estado brasileiro reconstrói ícones para a identidade cultural nacional, o Estado do Espírito Santo elabora seu ideal de identidade regional, recorrendo às práticas populares da diversidade cultural como dispositivos simbólicos de afirmação. ■

MÚSICA

Papo de *compo* – um projeto d

O show “Papo de Compositor” – que reuniu no dia 17 de Agosto de 2011 no Teatro do Sesi os compositores Zé Moreira, Rabujah, Jr. Bocca, Jonias Feli, Edivan Freitas, Átila Valentim e Anselmo Groove – demonstra a força que as produções culturais alternativas vem adquirindo no Espírito Santo. Fruto de uma ambição coletiva, o “Papo” é a prova de que o “espaço” para o trabalho autoral só se torna uma realidade quando há uma mobilização consciente e “animada” envolvendo artistas, instituições, produtores e público.

E foi nas constantes rodas de violão que fazíamos no quintal da Vó Lena (avó do escritor Marcos Ramos), em Manguinhos, que surgiram alguns questionamentos importantes. Era de comum acordo entre os compositores que o espaço para a execução da música autoral é escasso na Grande Vitória, e que isso é um problema histórico – tanto no que diz respeito aos produtores e empresários da cultura e entretenimento, que comumente fazem das casas de shows/eventos lugares de releituras ou reproduções musicais; quanto ao público, acostumado a essa realidade e nada aberto às produções locais.

A solução apontada foi a mais eficaz: a canção autoral terá seu espaço quando os próprios compositores desempenharem seus papéis no processo, isto é, adotarem a postura de chamar para si a responsabilidade, e não apenas apontar as falhas dos gestores culturais ou do poder público – que, sejamos sinceros, é o principal, quase único incentivador da circulação dos produtos culturais locais. Essa tomada de consciência foi muito importante durante os primeiros passos, pois fez com que todos os compositores assumissem consigo mesmo um compromisso de apresentar um show de qualidade, que de fato sintetizasse para o público a sua experiência autoral. Só faltava o espaço – e isso é um ponto interessante de se pensar: se a ideia é criar espaços de divulgação de produtos que, salve as exceções, são desconhecidos do público, a meu ver é indubitável a necessidade de que as apresentações sejam feitas num local onde circulem muitas pessoas, de fácil acesso e, de preferência, com entrada gratuita.

O local escolhido com essas características foi a UFES. Levamos a ideia para o curso de Música, que prontamente abraçou a ideia, e, no dia 30 de Maio de 2010, Zé Moreira



Moisés é Mestrando em Letras pela UFES. Compositor, músico, professor de literatura e produtor cultural.

Moisés Nascimento

moyseshoots@gmail.com

Compositor e histórias

realizou a primeira apresentação do projeto “Papo de Compositor”. Nesta primeira etapa do projeto, se apresentaram todos os compositores que ajudaram a idealizar o projeto: além do Zé, passou pelo palco Jonias Feli, Átila Valentim, Anselmo Groove, Edivan Freitas, Jr. Bocca e Juliano Rabujah.

De lá pra cá, a “ideia” se ampliou. De uma simples proposição de “fundo de quintal”, o “Papo de Compositor” virou projeto de extensão do curso de Música e Núcleo de Criação do Programa Rede Cultura Jovem/SECULT-ES. Inclusive, um edital de seleção foi elaborado graças à quantidade significativa de compositores interessados em mostrar seus trabalhos no projeto. Isso tudo em pouco mais de 12 meses de existência...

O show “Papo de Compositor”, produzido pelo Coletivo Opiniões – Ideias, Projetos & Produções Culturais, foi realizado com o intuito de homenagear a esses sete primeiros “gestores” do projeto, que, embora sejam heterogêneos esteticamente, se unem em dois quesitos: 1) paixão pela criação e 2) desejo de assim serem reconhecidos – ainda que haja necessidade de arregaçar as próprias mangas da camisa. ■



Fotos: Ariny Bianchi



DANÇA

Santo de Casa faz

mi

Qual o valor artístico e cultural que estamos dando a nossa cidade? Muitas das vezes, achamos que nossas produções artísticas não são reconhecidas pela população. Nós artistas nos perguntamos: Por que poucas pessoas vão ao teatro? Muitas respostas e desculpas são apresentadas. Mas ao mesmo tempo em que isso acontece aqui no nosso estado e até mesmo em nosso país, ao norte do nosso continente acontece justo o contrário.

Esta sendo criada nos Estados Unidos uma Cia de dança (Contempo Physical Dance) cujo, o diretor e coreógrafo é o bailarino Marciano Santos. Ex integrante e um dos fundadores da Homem Cia de Dança junto com Elídio Netto e Gil

Mendes que era o diretor e coreógrafo na época. Atuou por 6 anos e ganhou o prêmio junto com Elídio Netto de melhor bailarino no VIII ART Festival de Dança de Americana São Paulo. Com o Grupo Negraô dançou por 7 anos e na Cia Balé da Ilha participou como bailarino convidado no espetáculo "Tambo". No ano de 2006 Ele integrou-se na Cia TU DANCE no Estado de Minnesota, e desde já ganhou prêmio de melhor bailarino (2009) e várias críticas especializadas elogiam seus trabalhos:

"Marciano um dos mais graciosos bailarinos do palco" pelo jornal Star Tribune.

"Marciano proporcionou alguns dos movimentos mais complexos e



Jordan é bailarino e professor de dança contemporânea Integrante a Homem Cia de Dança



Jordan Fernandes
jordanfsantos@hotmail.com

Magre?

interessantes da noite com a coreografia 3'0'1" pelo jornal Minnesota Mist.

"Marciano gira pelo espaço com agilidade e graciosidade, ele anima poses esculturais com uma ondulação de músculos" Dance Magazine.

Depois de 5 anos como bailarino e professor da TU DANCE, Ele como artista independente, começou a criar coreografias, "Chão", "3'0'1" e "The Call" que foram apresentadas na noite de coreógrafos no Teatro Ritz no estado de Minnesota

Com muito profissionalismo e experiência Marciano tem recebido incentivos culturais para desenvolver seus trabalhos coreográficos como: Jerome Travel Study Grandy to Brazil, Cowles Center RDDI

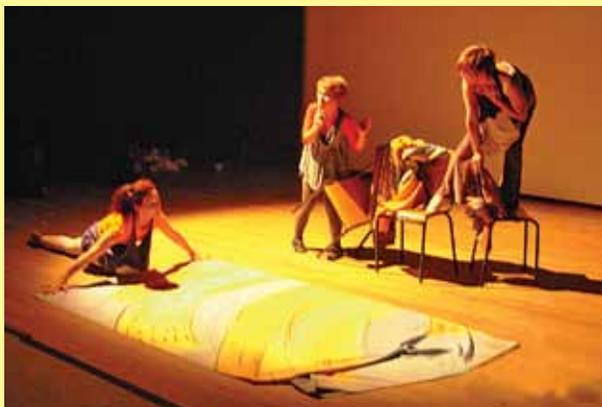
choreographer's retreat.

Seus últimos trabalhos "Limit" e "Oxygen Bubbles" (Limite e Bolhas de Oxigênio) pode consolidar seu trabalho de coreógrafo e adquirir uma companhia de dança. O rigor técnico não é de se espantar pelo que já se pode ter visto nos anos que ele esteve dançando nos palcos capixaba, alinhamento, força, leveza e todas as qualidades como: graça, beleza e encanto, encontra-se em seus trabalhos.

A Contempo Physical Dance com sede na cidade de Saint-Paul nos Estados Unidos, recentemente recebeu patrocínio para a montagem de seu novo trabalho através da MRAC - Metropolitan Regional Arts Council.

Outra figura marcante e de grande importância em nosso Estado é a bailarina, coreógrafa e doutora em dança Eluza Maria Santos, que em 2002, fundou, juntamente com Eva Tessler, Juanita Suárez e Licia Perea, a companhia "Latina Dance Project" nos Estados Unidos, com a qual mantém atividades profissionais mesmo estando agora radicada no Espírito Santo. Aqui no estado ela trabalha com a EluzArtes criada em 2008. Ambas as cias vem com uma pesquisa de dança unia ao teatro, no mês de julho tivemos o prazer de ver as duas cias unidas nos palcos capixabas.

Santos, sei que temos. Só não desfrutamos de seus milagres, e não os percebemos ao nosso redor. 



FOTO

Paulo Bonino
paulobfpacheco@hotmail.com



Caminho de casa